

Chapter Title: JOVENS BRASILEIROS QUE NEM ESTUDAM NEM TRABALHAM. SUBSÍDIOS PARA O DEBATE COM BASE NOS DADOS DA PESQUISA “AGENDA JUVENTUDE BRASIL”

Chapter Author(s): Eliane Ribeiro and Luiz Carlos de Souza

Book Title: Entre la educación y el trabajo

Book Subtitle: la construcción cotidiana de las desigualdades juveniles en América Latina

Book Editor(s): Agustina Corica, Ada Freytes Frey and Ana Miranda

Published by: CLACSO

Stable URL: <https://www.jstor.org/stable/j.ctvfp62t8.7>

JSTOR is a not-for-profit service that helps scholars, researchers, and students discover, use, and build upon a wide range of content in a trusted digital archive. We use information technology and tools to increase productivity and facilitate new forms of scholarship. For more information about JSTOR, please contact support@jstor.org.

Your use of the JSTOR archive indicates your acceptance of the Terms & Conditions of Use, available at <https://about.jstor.org/terms>



This content is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License (CC BY-NC-ND 4.0). To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>.



CLACSO is collaborating with JSTOR to digitize, preserve and extend access to *Entre la educación y el trabajo*

JSTOR

Parte 2

VULNERABILIDAD JUVENIL EN EL SIGLO VEINTIUNO

Eliane Ribeiro y Luiz Carlos de Souza

JOVENS BRASILEIROS QUE NEM ESTUDAM NEM TRABALHAM

SUBSÍDIOS PARA O DEBATE COM BASE NOS DADOS DA PESQUISA “AGENDA JUVENTUDE BRASIL”

INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

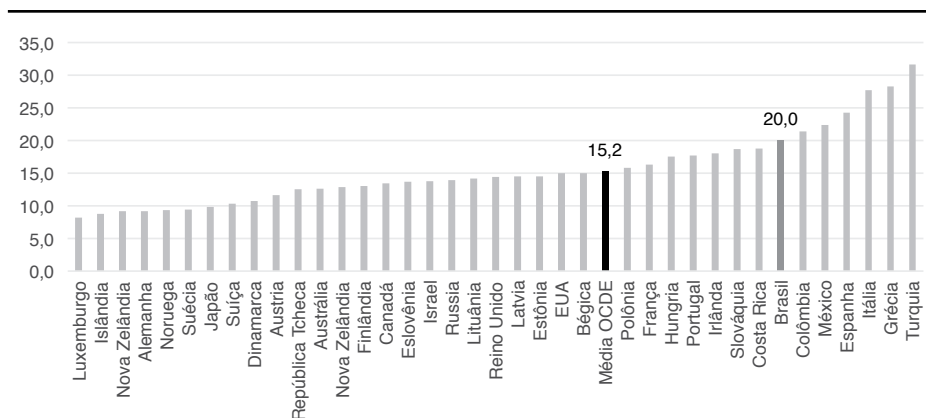
Nesse artigo, buscamos contribuir para a ampliação e o aprofundamento do debate sobre o termo “nem-nem” –nem estuda, nem trabalha–, dada a relevância que tem alcançado no campo da juventude, em especial, nas políticas públicas destinadas a esta parcela da população, com enfoque sobre a relação escola/trabalho. As discussões sobre este tema nos últimos anos têm trazido avanços positivos, mas também produzido uma série de estigmas sobre frações da juventude, que, objetiva e subjetivamente, já vivenciam um conjunto de prejuízos entorno da construção de suas identidades e seus direitos.

De um modo geral, é preciso ter cuidado. Observa-se que a noção que circula, inclusive pelos meios de comunicação, acaba por reproduzir um conjunto de estigmas e preconceitos, marcas que habitam o imaginário sobre a juventude, em especial, aqueles mais expostos a condições de pobreza, com redes precárias e afetos à reprodução dos padrões de desigualdade social. Considerando que o estigma é uma situação em que o indivíduo se encontra impossibilitado de obter uma aceitação social plena (GOFFMAN, 1988), os estudos que buscam desnaturalizar tal suposição podem ter um importante papel no desvelamento de realidades complexas e na ampliação de possibilidades e oportunidades para a juventude brasileira.

O termo “nem-nem”, que, de um modo geral, exprime aqueles sujeitos que nem estão ocupados nem frequentam cursos de educação formal, ganhou destaque no debate público brasileiro e latino-americano, pautando, inclusive, muitas agendas públicas em circulação. Nesse contexto, argumentamos que a adesão ao termo “nem-nem”, no campo dos estudos e das políticas de juventude, sem um debate qualificado sobre a diversidade desse público, pode afetar, material e simbolicamente, distintas esferas da vida social, sobretudo, na formulação de políticas públicas para os jovens.

Segundo Feijoó (2015), o termo foi cunhado, pela primeira vez, na década de noventa no Reino Unido, e passou a ser amplamente utilizado por organismos ligados à comunidade europeia para o monitoramento de vulnerabilidades da juventude. Surgiu com o nome em inglês *NEET* (traduzido como nem na educação, nem no emprego ou no treinamento), quando em 1999 aparece no Informe da Unidade de Exclusão Social no Reino Unido, denominado *Bridging the gap: new opportunities for 16-18 years old not in education, employment or training*. Segundo a autora, em 2000, o tema ganhou visibilidade junto a instituições como a Comissão Europeia (2007) e a OCDE (2008). Dados da OCDE (2017) evidenciam, como se pode observar no gráfico 1, que são expressivos os percentuais de jovens “nem-nem” em diversos países do mundo. Destacamos que enquanto a média dos países da OCDE era de 15,2% em 2014, o percentual no Brasil era de 20%, sendo o sexto mais alto dentre as nações consideradas na ocasião.

Gráfico 1
Percentual de jovens de 15 a 29 anos na condição “nem-nem” - 2014



Fonte: OCDE - Education at a glance: Transition from school to work, 2016

Dados do mesmo estudo da OCDE (2017) mostraram que, quase sem exceções, nos países analisados as mulheres normalmente estão muito mais sujeitas a esta situação do que os homens. Na média da OCDE, em 2014, enquanto 12,9% do total de homens considerados no estudo foram identificados como “nem-nem” o percentual subia para 17,4% entre as mulheres. No Brasil, a situação se mostrava ainda mais grave, já que o percentual para os homens era de 12,3% para os homens (mais baixo que a média da OCDE) mas era de 27,6% entre as mulheres. Assim, os dados parecem apontar para o peso determinante das jovens mulheres no elevado índice de “nem-nem” encontrado no Brasil.

Cabe ainda ressaltar, que a origem desse debate esteve relacionada com um grupo expressivo de jovens europeus que, inseridos em grave recessão, já haviam concluído o ciclo escolar, inclusive, tendo a maioria alto grau de escolaridade (mestrados e doutorados). O fenômeno, naquela região, se manifestou a partir do rompimento da clássica relação escolaridade x emprego, produzindo gerações altamente escolarizadas, mas sem emprego. Em texto recente, Jacinto (2016) discutindo os jovens ni-ni (termo em espanhol correspondente ao “nem-nem”) na América Latina alerta sobre como o termo aparece nos meios de comunicação do México, mostrando que entre as dez principais conexões difundidas estão juventude e violência, juventude e drogas, juventude e insegurança, juventude e ociosidade e juventude e vadiagem. Esse mesmo autor afirma que embora as estatísticas mostrem que durante o período 2000 – 2010 o tamanho proporcional do grupo dos “nem-nem” tenha permanecido estável entre os adolescentes e aumentado muito levemente entre os jovens até 24 anos, de um modo geral, tanto a imprensa como um conjunto de órgãos internacionais, alardearam o problema, reificando diversos rótulos negativos.

No Brasil, agrava-se a necessidade de se aprofundar o debate, considerando o fato de que o percentual de jovens nessa situação vem aumentando nos últimos anos. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE (2016) mostraram que em 2015 o número de jovens de 15 a 29 anos na condição “nem-nem” aumentou no Brasil, alcançando 22,5% da população nessa faixa etária, representando um acréscimo de 2,5 pontos percentuais em relação a 2014. Este aumento ocorreu tanto entre homens quanto entre mulheres, mas persiste a desigualdade de gênero já que o percentual de mulheres nessa condição, em 2015, era de 29,8% contra 15,4% de homens.

É preciso também levar em conta que o indicador utilizado para entender o fenômeno no Brasil, no que se refere à educação, apenas tem considerado os cursos regulares do sistema de ensino, não con-

templando outras formas de estudo, como pré-vestibulares, preparatórios para concursos etc. ou treinamentos (cursos de qualificação profissional, cursos técnicos subsequentes etc.), dando a impressão, muitas vezes, equivocada, de se tratar de jovens que estão em absoluta ociosidade. No âmbito do trabalho, as situações de trabalho precário, irregular, “bicos”, etc., também não têm sido consideradas.

Segundo Machado Pais (2001) se analisarmos as trajetórias de vida dos jovens, não encontraremos um grupo homogêneo, mas trajetórias que, muitas vezes, se aproximam de “encruzilhadas labirínticas”, as quais o autor chama de “trajetórias Ioiô”¹, e que remetem a uma profunda precariedade laboral vivida por muitos jovens. Segundo o autor, os jovens “vão fazendo o que vai surgindo”, consoante suas necessidades, seu enquadramento familiar ou seus apelos de consumo, ou seja, vão exercendo atividades paralelas ao percurso profissional e/ou educacional, como outros aspectos de sua vida, como a família, os amigos etc. Nesse contexto, muitos podem estar na categoria “sem-sem”, ou seja, sem estudo e sem trabalho, não por desejo próprio, mas por condições e situações que precisam ser desveladas.

No Brasil, diversas situações de fragilidade social estão associadas ao grupo de jovens que nem trabalham e nem estudam, e percepções que não levem em conta as peculiaridades características desse grupo quando da elaboração de modelos explicativos podem implicar na construção de cenários e ações públicas distantes de sua realidade social. Quando analisadas mais profundamente, nos parece que as generalizações construídas em torno do termo “nem-nem” ocultam um conjunto de informações que podem impactar a construção de políticas públicas para a juventude (TABIN, 2014).

Consiste em tarefa analítica prioritária entender as diferenças, necessidades e demandas da parcela jovem de nossa população tida como “nem-nem”. Nessa perspectiva, chamam atenção as diferenças entre homens e mulheres quando discutimos os jovens que nem estudam e nem trabalham, já que a questão de gênero é complexa em uma sociedade que ainda mantém uma divisão de papéis fortemente associada às questões de gênero.

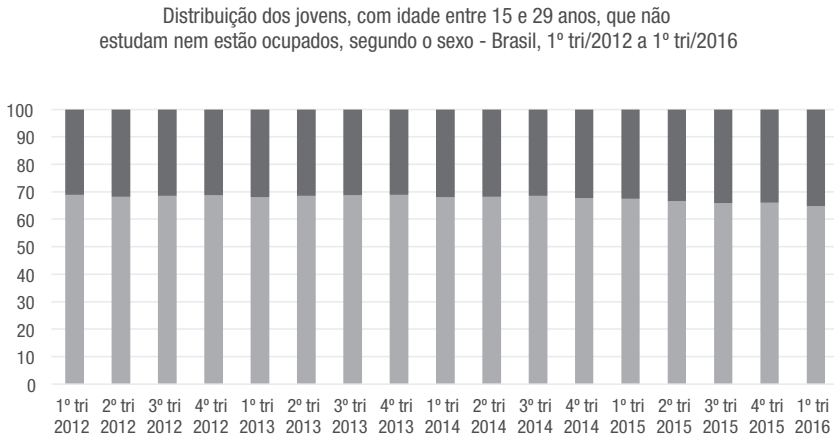
1 “Brinquedo que consiste em dois discos, unidos no centro por um eixo fixo e muito curto, no qual se prende e enrola um cordel” (<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=ioio>). A metáfora utilizada pelo autor para explicar a transição dos jovens para a vida adulta, remete à condição de constante alternância, de idas e vindas, entre altos e baixos, vividos pelos jovens da década de 1990 nas diferentes dimensões de sua vida social. Condição em que estatutos sociais tradicionais (estudante/não estudante, empregado/desempregado, solteiro/casado etc., dão lugar a outros mais flexíveis e transitórios, exprimindo novas combinações, mais descontínuas e fluidas.

Com essas preocupações, encontramos relevantes trabalhos realizados, como o de Monteiro (2013) no qual a autora analisa dados das PNAD de 2001 a 2011 e aponta que os jovens “nem-nem” entre 19 e 24 anos de idade eram, em sua grande maioria, mulheres, representando 75% dos jovens nessa condição em 2011. A autora aponta ainda que 45% dos jovens na condição “nem-nem”, eram mulheres com filhos, indicando que a maternidade também está associada à condição “nem-nem”. Esta tendência é corroborada pela exposição de Marina Aguas, da Coordenação de Trabalho e Rendimento (Coren) do IBGE, realizada no Seminário sobre Juventude IBGE/IPEA, no Rio de Janeiro, em julho de 2016, e pode ser observada no gráfico 2, que revela que as jovens mulheres são a maioria absoluta entre os “nem-nem” ao longo de toda a série histórica analisada.

Tais constatações seguem alguns trabalhos realizados em outros países da América Latina (Jacinto, 2016; OCDE/CEPAL/CAF, 2016; Feijó, 2015). Feijó (2015) afirma que em países da América Central a proporção de mulheres que não estudam e não trabalham é três vezes maior que a de homens.

Gráfico 2

Decomposição dos jovens “nem-nem” no Brasil por gênero – 2012-2016



Fonte: IBGE/PNAD – 2016. Trabalho apresentado por Marina Aguas, da Coren, do IBGE/Seminário sobre Juventude IBGE/IPEA, RJ, 2016.

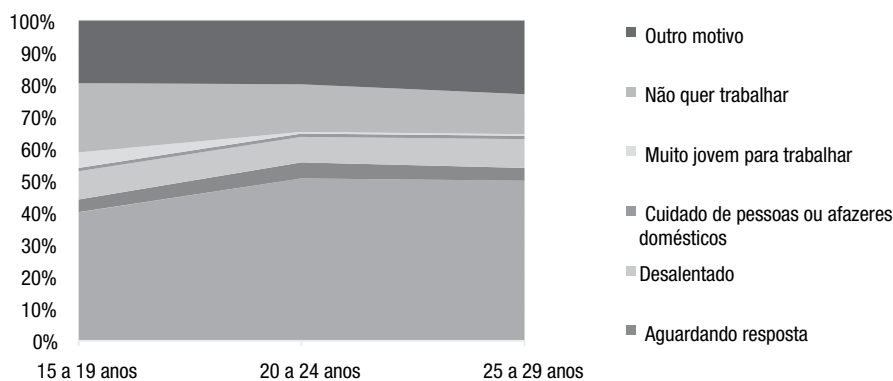
Em revelação ainda mais impactante, observa-se que apesar dos avanços na situação da mulher em nossa sociedade, padrões patriarcais aparecem quando se refere à divisão sexual do trabalho, associada à reprodução e ao cuidado com o funcionamento do lar e da educação

das crianças. Os índices de jovens mulheres que declaram não trabalhar por cuidar de pessoas ou afazeres domésticos é extremamente maior do que os homens, conforme expresso nas faixas amarelas dos gráficos 3 e 4, a seguir.

Gráfico 3

Jovens homens procurando trabalho ou segundo o motivo por não estar trabalhando – Brasil - 2015

Distribuição dos jovens homens, com idade entre 15 e 29 anos, que não estão ocupados e estudando, segundo a procura por trabalho ou o motivo de não procurar ou não querer trabalhar – Brasil, 1º tri/2012 a 1º tri/2016



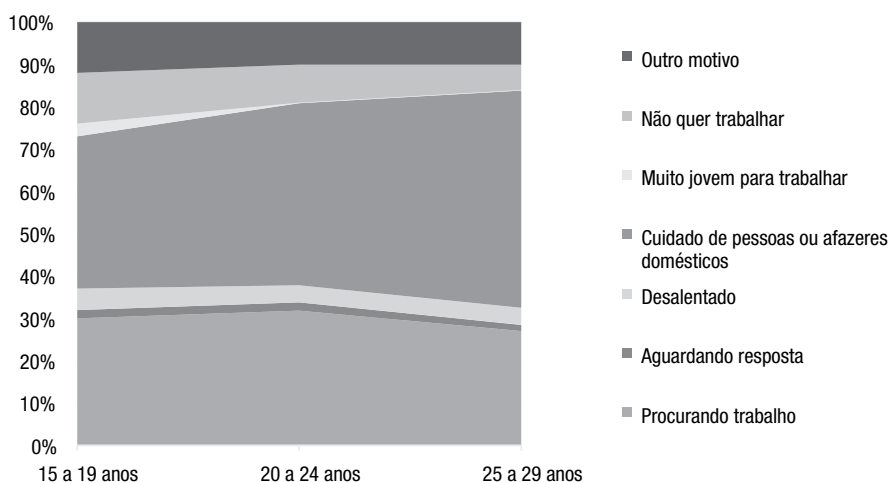
Fonte: IBGE/PNAD – 2016. Trabalho apresentado por Marina Aguas, da Coren, do IBGE/Seminário sobre Juventude IBGE/IPEA, RJ, 2016.

Outro dado relevante, expresso gráficos 3 e 4 (veja o gráfico 4 na próxima página) é que enquanto mais de 40% dos jovens homens de 15 a 19 anos e mais de 50% dos de 20 a 29 anos declararam estar procurando emprego, entre as jovens mulheres os percentuais são de pouco mais de 30% nas faixas etárias de 15 a 24 anos, e decaem para aproximadamente 25% à medida em que avançam para os 29 anos.

Partindo desses expressivos dados divulgados pela equipe do IBGE e em consonância com os estudos sobre *ni-ni* na América Latina, busca-se, aqui, uma análise que contribua para o aprofundamento da compreensão de mais elementos que caracterizam estes jovens no Brasil.

Gráfico 4
 Jovens mulheres procurando trabalho ou segundo o motivo
 por não estar trabalhando – Brasil - 2015

Distribuição das jovens mulheres, com idade entre 15 e 29 anos,
 que não estão ocupadas e estudando, segundo a procura por
 trabalho ou o motivo de não procurar ou não querer trabalhar –
 Brasil, 1º tri/2012 a 1º tri/2016



Fonte: IBGE/PNAD – 2016. Trabalho apresentado por Marina Aguas, da Coren, do IBGE/Seminário sobre Juventude IBGE/IPEA, RJ, 2016.

PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO

Esse estudo foi realizado a partir da base de dados da Pesquisa Nacional *Agenda Juventude Brasil - Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros*, de 2013, coordenada pela Secretaria Nacional de Juventude². O *Survey*, sob a responsabilidade dos pesquisadores Gustavo Venturi (USP) e José Reinaldo Riscal (2016), é representativo da população brasileira de 15 a 29 anos de idade, sendo a amostra aleatória e em múltiplos estágios (com sorteio de municípios, setores censitários, bairros e domicílios e com controle de cotas por sexo e idade). A amostra foi constituída de 3.300 entrevistas, distribuídas em 187 municípios,

2 Participaram da pesquisa, como colaboradoras especiais: Eliane Ribeiro (Unirio) e Regina Novaes (UFRJ).

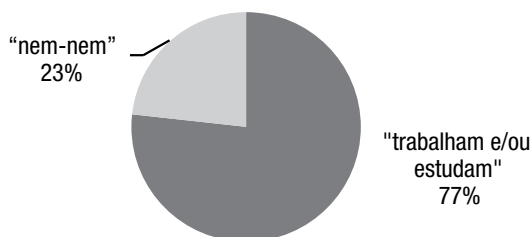
estratificados de acordo com sua localização geográfica, natureza (se capital, região metropolitana ou interior), situação da localidade (urbana ou rural), porte demográfico (pequeno, médio ou grande) e tercis da população.³

Levando em consideração nosso interesse específico pelos jovens “nem-nem”, o primeiro procedimento que adotamos foi o de filtragem dos dados da pesquisa, selecionando apenas os respondentes que afirmaram não estar estudando nem trabalhando naquela ocasião. As análises aqui expostas baseiam-se, portanto, nos dados fornecidos por uma subamostra de jovens que se encaixam nos critérios de investigação. Trata-se de um total de 763 questionários que, conforme se pode observar pelo gráfico 5, representam 23,3% dos casos válidos.⁴

Gráfico 5

Composição da subamostra dos jovens “nem-nem”

Distribuição dos jovens por condição
de estudo e trabalho



Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa Agenda Juventude Brasil, 2013.

3 A margem de erro para o total da amostra foi de 2 pontos percentuais para mais ou para menos, com um intervalo de confiança de 95%. Para maiores esclarecimentos, consultar Venturi e Riscal (2016) “Agenda juventude Brasil: notas metodológicas sobre a amostra e o tratamento dos resultados. In: Pinheiro [et al]. Agenda Juventude Brasil: Leituras sobre uma década de mudanças. Rio de Janeiro, UNIRIO, 2016. Disponível em: <http://polis.org.br/publicacoes/10759-2/>

4 Para a constituição da subamostra, utilizamos, as perguntas P.41 (situação de estudo) e P.65 (situação de trabalho). Foram encontradas 3.281 respostas válidas e 19 casos omissos.

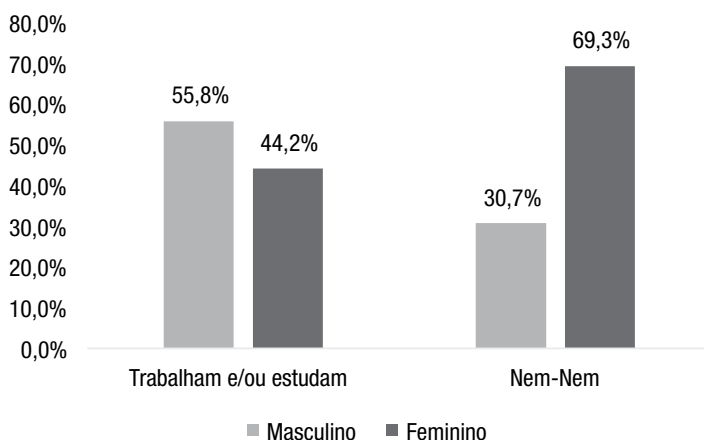
As considerações nesse artigo decorrem da análise de variáveis relativas ao sexo, faixa etária, cor/raça, estado conjugal, número de filhos, escolaridade dos jovens, escolaridade dos pais, renda familiar, entre outras. Todas são analisadas no recorte por sexo, sob a hipótese que esta é uma variável importante para a compreensão das causas que tem impelido jovens brasileiros a estar fora da escola e do trabalho. Buscamos também compreender em que medida as características dos jovens “nem-nem” se aproximam ou se distanciam daquelas do grupo de jovens que trabalham e/ou estudam. E, nesse sentido, comparamos o comportamento das variáveis analisadas entre os dois grupos.

PERFIL DOS JOVENS POR GÊNERO E CONDIÇÃO DE ESTUDO E TRABALHO

É possível verificar, conforme exposto no gráfico 6, que a maioria dos jovens “nem-nem” é composta por mulheres (69,3%). Esta situação é inversa à dos jovens que estudam e/ou trabalham, já que entre estes a maioria é composta por homens. Há, portanto uma diferença de 11,6 pontos percentuais entre a maioria de homens que trabalham e/ou estudam em relação às mulheres, enquanto entre os “nem-nem”, a diferença entre a maioria de mulheres é de 38,6 pontos percentuais em relação aos homens, indicando que essa condição, no Brasil, é marcadamente uma questão de gênero.

Gráfico 6

Distribuição dos jovens por sexo e condição de trabalho e estudo



Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa Agenda Juventude Brasil, 2013.

Há uma distribuição heterogênea dos jovens pelas faixas etárias, conforme se pode observar na tabela 1. As mulheres “nem-nem” têm idade ligeiramente mais avançada que os homens, já que aquelas na faixa de 22 a 25 anos são maioria (33,8%), seguidas daquelas com idades entre 26 e 29 anos (30,2%). Note-se ainda que há, por um lado, 9,8% de jovens homens e 6,4% de jovens mulheres em idade de escolaridade obrigatória que não frequentam a escola, além de uma proporção considerável de jovens de ambos os sexos com idades iguais ou maiores que 22 anos (53% dos homens e 64% das mulheres) sem trabalho remunerado.

Tabela 1
Faixa etária dos jovens por sexo e condição de trabalho e estudo

		Trabalham e/ou estudam	“nem-nem”
Masculino	15 a 17 anos	20,9%	9,8%
	18 a 21 anos	24,9%	37,2%
	22 a 25 anos	26,7%	32,1%
	26 a 29 anos	27,5%	20,9%
	<i>Total</i>	<i>100,0%</i>	<i>100,0%</i>
Feminino	15 a 17 anos	25,7%	6,4%
	18 a 21 anos	24,4%	29,5%
	22 a 25 anos	24,4%	33,8%
	26 a 29 anos	25,4%	30,2%
	<i>Total</i>	<i>100,0%</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa Agenda Juventude Brasil, 2013.

Foi possível perceber diferenças ligadas à categoria cor/raça, quando comparamos aqueles que afirmaram trabalhar e/ou estudar e os “nem-nem”. Conforme observado na tabela 2 há, no primeiro grupo, um percentual maior de brancos do que no segundo grupo. Entre os que trabalham e/ou estudam os brancos são 36,1% ao passo que os não brancos totalizam, juntos, 63,9%. Já entre os “nem-nem”, o percentual de brancos cai para 28%, enquanto os não brancos somam 72%. Isso implica em uma diferença de 8,1 pontos percentuais, e a desigualdade aqui apontada corrobora, resultados de outras pesquisas no campo das relações de gênero e raça com desigualdades de oportunidades educacionais e laborais no Brasil (HENRIQUES 2002; ABRAMO, 2006; IPEA, 2011).

Tabela 2
Cor dos jovens por condição de trabalho e estudo

		Trabalham e/ou estudam	“nem-nem”
Cor	Branca	36,1%	28,0%
	Preta	14,9%	17,8%
	Parda	45,1%	49,7%
	Amarela	2,1%	2,1%
	Indígena	1,7%	2,4%
	Outras	0,1%	0,0%
<i>Total</i>		<i>100,0%</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa Agenda Juventude Brasil, 2013.

Também é possível observar diferenças entre jovens que trabalham e/ou estudam e os “nem-nem” quando analisados em relação à localização onde passaram a maior parte da infância. A distribuição entre os dois grupos acompanha as tendências demográficas gerais do país, mas enquanto dentre os que trabalham e/ou estudam, 80,5% afirmaram ter passado a maior parte da infância na cidade, esse percentual cai para 73,3% entre os que não trabalham nem estudam, gerando uma diferença de 7,2 pontos percentuais. Consequentemente há um maior percentual de jovens oriundos do campo (23,2%) entre os “nem-nem” em relação àqueles que trabalham e/ou estudam (16,4%), resultando em uma diferença de 6,8 pontos percentuais.

Tabela 3
Onde passou a maior parte da infância por condição de trabalho e estudo

		Trabalham e/ou estudam	“nem-nem”
Onde passou a maior parte da infância?	Na cidade	80,5%	73,3%
	No campo	16,4%	23,2%
	Metade na cidade, metade no campo	3,2%	3,6%
	<i>Total</i>	<i>100,0%</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa Agenda Juventude Brasil, 2013.

Em relação ao estado conjugal dos jovens, procedemos a um cruzamento de variáveis que incluiu o próprio estado conjugal, bem como o sexo e a condição de trabalho e estudo. A tabela 4 mostra que a

grande maioria, tanto dos que trabalham e/ou estudam (70,5%) quanto dos “nem-nem” (76,1%) é composta por solteiros. Os percentuais dos que moram com parceiros/as são muito próximos (17,2% e 16,2% respectivamente). Os casados no civil são 11,2% no primeiro grupo e 5,6% no segundo. Contudo, é entre as mulheres que encontramos as diferenças mais significativas, tanto em relação à questão de gênero, quanto à condição de trabalho e estudo.

Entre as jovens mulheres que trabalham e/ou estudam, a maioria é composta por solteiras (68,3%), enquanto as que moram com parceiros/as (17%) e as casadas no civil (12,7%) somam 29,7%. No entanto, a situação se inverte entre as “nem-nem”, já que as solteiras, nesse caso, são 42% enquanto as que moram com parceiro/a (33,3%) e as casadas no civil (20,4%) totalizam 53,6%. Os percentuais de separados e viúvos chegam, no máximo, a 5% tanto entre homens quanto entre mulheres, mas sem diferenciações expressivas.

Tabela 4
Estado conjugal dos jovens por sexo e condição de trabalho e estudo

		Trabalham e/ou estudam	“nem-nem”
Masculino	Casado/a no civil	11,2%	5,6%
	Mora com parceiro/a	17,2%	16,2%
	Separado/a	1,0%	2,1%
	Solteiro/a	70,5%	76,1%
	Viúvo/a	,1%	0,0%
	<i>Total</i>	<i>100,0%</i>	<i>100,0%</i>
Feminino	Casado/a no civil	12,7%	20,4%
	Mora com parceiro/a	17,0%	33,3%
	Separado/a	2,0%	3,0%
	Solteiro/a	68,3%	42,0%
	Viúvo/a	,1%	1,1%
	<i>Total</i>	<i>100,0%</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa Agenda Juventude Brasil, 2013.

Quando perguntados se possuem filhos ou não e, em caso positivo, quantos seriam, percebemos que também há diferenças significativas entre os grupos analisados, sobretudo em relação ao sexo⁵. De acordo

5 Nessa pergunta, reportamos um total de 554 casos inválidos (*missing values*), ou seja, estamos tratando sobre 82,3% de casos válidos no total da amostra.

com a tabela 5, entre os homens há grande semelhança, já que a maioria dos que trabalham e/ou estudam (71,4%) e dos “nem-nem” (75%) não têm filhos, valendo ressaltar que o percentual é discretamente maior neste último grupo. Dentre os homens que afirmaram ter filhos, por outro lado, é interessante notar que também há semelhanças consideráveis entre os dois grupos no tocante ao número de filhos.

A situação se mostra bastante diferenciada ao observamos as mulheres. Enquanto a maioria das que trabalham e/ou estudam não têm filhos (58,3%), a grande maioria das “nem-nem” (67,5%) têm um ou mais filhos. Ressaltamos que entre as jovens que afirmaram ter filhos, as “nem-nem” frequentemente têm um número maior de filhos que aquelas que trabalham e/ou estudam. Como já mencionado, esses dados corroboram outros apontamentos sobre uma forte associação entre gênero feminino, a posse de filhos e a condição de “nem-nem”.

Tabela 5
Número de filhos por sexo e condição de trabalho e estudo

Sexo Nº de filhos		Trabalham e/ou estudam	“nem-nem”
Masculino	Um filho	19,20%	17,90%
	Dois filhos	5,90%	3,80%
	Três filhos	2,70%	1,90%
	Quatro filhos	0,40%	0,90%
	Cinco filhos	0,20%	0,50%
	Oito filhos	0,10%	0,00%
	Não tem filhos	71,40%	75,00%
	<i>Total</i>	<i>100,00%</i>	<i>100,00%</i>
Feminino	Um filho	26,70%	33,70%
	Dois filhos	11,10%	23,10%
	Três filhos	2,80%	6,90%
	Quatro filhos	0,70%	3,20%
	Cinco filhos	0,20%	0,60%
	Seis filhos	0,10%	0,00%
	Não tem filhos	58,30%	32,50%
	<i>Total</i>	<i>100,00%</i>	<i>100,00%</i>

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa Agenda Juventude Brasil, 2013.

Os jovens foram também perguntados sobre a qual classe econômica consideraram pertencer. Na percepção deles, tanto os homens que trabal-

ham e/ou estudam quanto os “nem-nem” estão concentrados em classes econômicas mais baixas. Conforme se observa na tabela 6, os maiores percentuais entre os homens são referentes à classe média-baixa (40,8% e 40,5% respectivamente) e são seguidos pelos percentuais referentes à classe média-média (40,2% e 33,5% respectivamente).

Os percentuais de pobres e muito pobres estão praticamente equiparados. Vale notar, no entanto, que os jovens homens “nem-nem” de classe média-baixa são mais frequentes (48,5%) do que entre os que trabalham e/ou estudam (40,8%). Inversamente, os percentuais dos “nem-nem” são menores em relação à classe média-média (33,5%) e média-alta (2,1%) do que no outro grupo, que possui 40,2% na classe média-média e 4,5% na classe média alta.

Novamente, há maiores diferenças em relação às jovens mulheres. Os percentuais referentes aos extratos mais pobres são sempre maiores, enquanto a situação se inverte nas classes econômicas mais altas. Note-se, sobretudo, a grande diferença percentual entre o grupo das que trabalham e/ou estudam e das “nem-nem”, referente à classe média-média (14,4 pontos percentuais).

Tabela 6
Classe econômica à qual disse pertencer por condição de trabalho e estudo

		Trabalham e/ou estudam	“nem-nem”
Masculino	Muito pobre	,6%	1,3%
	Pobre	13,5%	14,6%
	Média-baixa	40,8%	48,5%
	Média-média	40,2%	33,5%
	Média-alta	4,5%	2,1%
	Rica	,3%	0,0%
	Muito rica	,1%	0,0%
	<i>Total</i>	<i>100,0%</i>	<i>100,0%</i>
Feminino	Muito pobre	,7%	1,5%
	Pobre	11,5%	18,2%
	Média-baixa	41,0%	48,5%
	Média-média	42,1%	27,7%
	Média-alta	4,5%	3,8%
	Rica	,2%	0,0%
	Muito rica	0,0%	,4%
	<i>Total</i>	<i>100,0%</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa Agenda Juventude Brasil, 2013.

Os dados sobre a renda familiar dos jovens corroboram sua percepção sobre a classe econômica à qual julgam pertencer⁶ e reiteram as diferenças existentes em relação ao gênero e à condição de “nem-nem”. De acordo com a tabela 7, tanto os homens quanto as mulheres “nem-nem” estão mais concentrados nas faixas mais baixas de renda familiar quando comparados àqueles que trabalham e/ou estudam. No entanto, entre os homens que trabalham e/ou estudam, 30,4% têm renda familiar de até dois salários *mínimos* enquanto entre os “nem-nem” esse percentual é de 51,7%. Observando as rendas familiares mais elevadas, os valores se invertem e assim, os jovens homens que trabalham e/ou estudam têm mais que o dobro (22,4%) do percentual na categoria “mais de quatro até dez salários mínimos” quando comparados aos “nem-nem” (10,2%).

No caso das mulheres as diferenças são também mais evidentes, tanto em relação aos homens quanto em relação à condição de “nem-nem”. Entre as “nem-nem”, 66,8% têm renda familiar de até dois salários *mínimos* enquanto somente 34,9% das que trabalham e/ou estudam têm a mesma renda. Por fim, percebe-se que no caso das mulheres há uma inversão dos percentuais a partir das faixas de mais de dois até quatro salários *mínimos em diante*. Nesse caso, é notório que o percentual de mulheres que trabalham e/ou estudam na categoria “mais de quatro até dez salários mínimos” (17,6%) é mais que três vezes maior que o das “nem-nem” (5,2%).

Tabela 7
Renda familiar dos jovens por sexo e condição de trabalho e estudo

Renda familiar	Trabalham e/ou estudam		“nem-nem”	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Até dois salários mínimos	30,4%	34,9%	51,7%	66,8%
Mais de dois até quatro salários mínimos	32,0%	32,9%	27,8%	19,8%
Mais de quatro até dez salários mínimos	22,4%	17,6%	10,2%	5,2%
Mais de dez até vinte salários mínimos	3,0%	2,6%	0,9%	0,4%
Acima de vinte salários mínimos	0,7%	0,4%	0,0%	0,2%
Não tem renda	0,0%	0,1%	0,0%	0,6%

6 Dado o grande número de intervalos de renda da pesquisa, reagrupamos as faixas salariais de acordo com o critério atualmente utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Renda familiar	Trabalham e/ou estudam		"nem-nem"	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Não sabe	7,7%	8,9%	7,3%	5,3%
Recusa	3,8%	2,6%	2,1%	1,7%
<i>Total</i>	<i>100,0%</i>	<i>100,0%</i>	<i>100,0%</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa Agenda Juventude Brasil, 2013.

Analizamos também a escolaridade dos pais dos jovens. De acordo com tabela 8, tanto as mães ou responsáveis dos homens quanto das mulheres "nem-nem" possuem menor nível de escolaridade quando comparados aos dos/as que trabalham e/ou estudam. No caso dos homens, nota-se que entre os que trabalham e/ou estudam, o maior percentual refere-se às mães ou responsáveis que possuem o Ensino Fundamental completo (29,8%) enquanto entre os "nem-nem" o maior percentual (com proporção também mais significativa em relação aos demais percentuais) é referente ao primeiro segmento do Ensino Fundamental (36,3%).

No caso das mulheres também se nota que entre as que trabalham e/ou estudam, o maior percentual refere-se às mães ou responsáveis que possuem o Ensino Fundamental completo (29,5%) enquanto entre as "nem-nem" o maior percentual (com proporção também mais significativa em relação aos demais percentuais) é referente ao primeiro segmento do Ensino Fundamental (35,9%). Fica mais evidente entre as mulheres a diferenciação percentual referente às mães ou responsáveis que nunca estudaram. Entre as jovens "nem-nem" o percentual (15,1%) é significativamente maior que entre as que trabalham e/ou estudam (6%), resultando em uma diferença de 9,1 pontos percentuais. As diferenças percentuais referentes às mães ou responsáveis com curso superior ou pós-graduação também são mais evidentes que entre os jovens homens.

Tabela 8

Escolaridade da mãe ou responsável por sexo e condição de trabalho e estudo

Sexo	Escolaridade da mãe	Trabalham e/ou estudam	"nem-nem"	Total
Masculino	Não estudou	6,3%	7,7%	6,5%
	Ensino Fundamental 1ª a 4ª série	25,9%	36,3%	27,4%
	Ensino Fundamental 5ª a 8ª série	29,8%	26,1%	29,2%
	Ensino Médio 2º grau	24,3%	16,7%	23,2%
	Superior ou pós-graduação	6,6%	3,0%	6,1%
	Não sabe	7,1%	10,3%	7,6%
	<i>Total</i>		<i>100,0%</i>	<i>100,0%</i>

Sexo	Escolaridade da mãe	Trabalham e/ou estudam	“nem-nem”	Total
Feminino	Não estudou	6,0%	15,1%	9,0%
	Ensino Fundamental 1ª a 4ª série	27,3%	35,9%	30,1%
	Ensino Fundamental 5ª a 8ª série	29,5%	24,4%	27,8%
	Ensino Médio 2º grau	25,7%	14,6%	22,1%
	Superior ou pós-graduação	7,3%	2,1%	5,6%
	Não sabe	4,1%	7,9%	5,4%
	<i>Total</i>		100,0%	100,0%
	<i>Total</i>	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa Agenda Juventude Brasil, 2013.

Em relação à escolaridade dos jovens, como se pode perceber na tabela 9, em todos os recortes considerados, a maioria afirma ter conseguido chegar ao Ensino Médio regular ou técnico, sendo que no caso dos jovens do sexo masculino o percentual (58,1%) é ligeiramente maior entre os “nem-nem” do que entre os que trabalham e/ou estudam (55,4%). Não deixa de ser evidente, no entanto, que entre os jovens daquele grupo há 38,5% que deixaram a escola sem chegar ao Ensino Médio, enquanto um percentual pouco menor (mas ainda alto) de 30% entre esses últimos também não chegou ao Ensino Médio.

As mulheres, de forma geral, encontram-se em situação discretamente melhor que os homens nesse caso. Também entre elas, a maioria chegou ao Ensino Médio, com percentuais um pouco maiores do que aqueles relativos aos homens (63,3% e 61,8% respectivamente). É notável, no entanto, que há um grande percentual de mulheres que não trabalham nem estudam e que deixaram os estudos antes de chegar ao Ensino Médio (33,3%) e que esse percentual é consideravelmente maior do que o encontrado entre mulheres que trabalham e/ou estudam (18,6%) resultando em uma diferença de 14,7 pontos percentuais. Por fim, há diferenças aproximadas entre os dois grupos, quando analisamos os percentuais daqueles que chegaram ao Ensino Superior. Nesse caso o grupo dos que trabalham e/ou estudam possui uma vantagem de 10,6 pontos percentuais no caso dos homens e de 11,4 pontos percentuais no caso das mulheres.

Tabela 9
Escolaridade dos jovens por sexo e condição de trabalho e estudo

		Trabalham e/ou estudam	"nem-nem"
Masculino	Não frequentou escola	,4%	,9%
	Ensino Fundamental	30,0%	38,5%
	Ensino Médio ou técnico	55,4%	58,1%
	Superior	13,2%	2,6%
	Pós-Graduação	1,1%	0,0%
Total		100,0%	100,0%
Feminino	Ensino Fundamental	18,6%	33,3%
	Ensino Médio ou técnico	63,3%	61,8%
	Superior	15,9%	4,5%
	Pós-Graduação	2,2%	4%
	Total	100,0%	100,0%
Total		100,0%	100,0%

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa Agenda Juventude Brasil, 2013.

Ao analisarmos o tipo de Ensino Fundamental e de Ensino Médio cursado pelos jovens, conforme exposto nas tabelas 10 e 11, percebemos que há, entre os grupos, uma considerável uniformidade. Assim, nota-se que a quase totalidade dos jovens entrevistados estudou no Ensino Fundamental Regular, enquanto uma pequena minoria frequentou a Educação de Jovens e Adultos. Situação semelhante é apontada em relação ao Ensino Médio, já que nesse caso a quase totalidade dos jovens frequentou o Ensino Médio regular, enquanto uma pequena minoria cursou o ensino técnico-profissionalizante ou a Educação de Jovens e Adultos.

Tabela 10
Tipo de Ensino Fundamental cursado pelos jovens por sexo e condição de trabalho e estudo

		Trabalham e/ou estudam	"nem-nem"
Masculino	Ensino Fundamental Regular	94,3%	94,2%
	Educação de Jovens e Adultos	5,4%	5,8%
	Ambos	,3%	0,0%
	Total	100,0%	100,0%
Feminino	Ensino Fundamental Regular	95,6%	92,7%
	Educação de Jovens e Adultos	4,2%	6,7%
	Ambos	,2%	,6%
	Total	100,0%	100,0%

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa Agenda Juventude Brasil, 2013.

Entre homens e mulheres, mantem-se a mesma tendência, destacando apenas, serem as mulheres, entre os “nem-nem” as que mais acesam a Educação de Jovens e Adultos, tanto no Ensino Fundamental (6,7%), quanto no Ensino Médio (5,4%).

Tabela 11
Tipo de Ensino Médio cursado pelos jovens por sexo e condição de trabalho e estudo

		Trabalham e/ou estudam	“nem-nem”
Masculino	Ensino Médio regular	89,3%	94,4%
	Técnico-profissionalizante	5,3%	2,8%
	Educação de Jovens e Adultos	5,5%	2,8%
	<i>Total</i>	<i>100,0%</i>	<i>100,0%</i>
Feminino	Ensino Médio regular	90,7%	92,6%
	Técnico-profissionalizante	4,9%	2,0%
	Educação de Jovens e Adultos	4,4%	5,4%
	<i>Total</i>	<i>100,0%</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa Agenda Juventude Brasil, 2013.

Os jovens foram questionados sobre sua situação em relação ao trabalho. Dentre os “nem-nem”, notam-se variações significativas nos percentuais encontrados. A tabela 12 mostra que a maioria absoluta dos jovens homens já trabalhou e estava procurando trabalho (62%). No entanto, entre as mulheres o percentual das que se encontram nessa situação é bem menor (36,2%) e, por sua vez, pouco superior ao de mulheres que já trabalharam, mas não estavam procurando trabalho (35%). O percentual de mulheres que nunca trabalhou e também não estava procurando trabalho remunerado (19,1%) é significativamente superior ao dos homens (10,3%)

Tabela 12
Situação dos jovens que não trabalham nem estudam em relação ao trabalho, por sexo

	Sexo	
	Masculino	Feminino
Nunca fez nenhum trabalho remunerado e não está procurando trabalho	10,3%	19,1%
Nunca trabalhou, mas está procurando trabalho	9,0%	9,7%
Já trabalhou e está procurando trabalho	62,0%	36,2%
Já trabalhou, mas não está procurando trabalho	18,8%	35,0%
<i>Total</i>	<i>100,0%</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados da pesquisa Agenda Juventude Brasil, 2013.

De um modo geral, pode-se afirmar que na relação jovem-educação as situações dos jovens homens e mulheres se aproximam bem mais do que em relação ao trabalho. Isto pode ser explicado, principalmente, pela super-representação das mulheres na categoria de jovens que não estudam nem trabalham e são responsáveis por executar as tarefas domésticas, ou seja, a menor participação ativa das mulheres jovens no mercado de trabalho é, em grande parte, explicada pela alta dedicação de tempo ao trabalho doméstico e de cuidados com filhos e família, papéis adultos tradicionalmente associados com a figura da mulher. Conforme destaca Filardo (2010), as mulheres carregam questões bastante específicas em nossas sociedades e grande parte delas abandona o sistema de educação formal e não ingressa no mercado de trabalho por estar responsável pelo trabalho doméstico e a maternidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De início, cabe ressaltar, que as diferenças observadas nos dados aqui expostos, nos fazem pensar que a condição de estudo e trabalho está relacionada a situações socioeconômicas desfavoráveis, poucos suportes e níveis de segregação. Os dados sobre a renda familiar dos jovens reiteram que tanto homens quanto mulheres “nem-nem” estão mais concentrados nas faixas mais baixas de renda.

Os dados apontaram que a maioria dos jovens “nem-nem” é composta por mulheres (69,3%), situação oposta àquela apresentada entre os jovens que estudam e/ou trabalham. Em relação à faixa etária, há uma distribuição heterogênea. As jovens “nem-nem” têm idade ligeiramente mais avançada que os homens, estando a maioria localizada na faixa entre 22 a 25 anos.

Há visível diferenciação entre homens e mulheres e clara divisão social de tarefas e papéis entre os sexos. A maioria dos “nem-nem” são mulheres que não tem o perfil típico relacionado aos jovens homens, como por exemplo, em relação à posse de filhos e ao estado conjugal. É exatamente entre as jovens mulheres “nem-nem” onde se encontra mais frequentemente a ocorrência de relação conjugal (53,6%). Quando passamos a observar as jovens mulheres no que se refere à maternidade encontramos nas “nem-nem” uma grande maioria (67,5%) com um ou mais filhos. Outro dado a ressaltar é que dentre as jovens que afirmaram ter filhos, as “nem-nem” frequentemente têm um número maior de filhos que aquelas que trabalham e/ou estudam.

Quanto à cor/raça autodeclarada, se confirma a relação desigual entre raça e oportunidades educacionais e laborais no Brasil. Entre os “nem-nem”, pretos e pardos somam a grande maioria (72%). Ouro fa-

tor importante no que tange as clássicas desigualdades está a diferença entre campo e cidade. Quando perguntados sobre onde passaram a maior parte da infância, há um percentual maior oriundo do campo entre os “nem-nem”.

Os “nem-nem” possuem mães ou responsáveis com menor nível de escolaridade quando comparados àquelas dos/as que trabalham e/ou estudam. Um dado importante, que merece destaque, é que também os “nem-nem” fazem parte de uma geração que vem usufruindo do acesso a ampliação da escolaridade, apesar de, muitas vezes, vivenciarem trajetórias não lineares. A maioria desses jovens afirma ter conseguido chegar ao Ensino Médio regular ou técnico e, de forma geral, as mulheres encontram-se em situação melhor que os homens. Observa-se ainda, que a quase totalidade dos jovens estudou no Ensino Fundamental Regular ou no Ensino Médio Regular, tendo apenas um pequeno grupo frequentado a Educação de Jovens e Adultos. As mulheres “nem-nem”, contudo, são as que mais acessam a Educação de Jovens e Adultos.

Notam-se ainda outras diferenças expressivas. A maioria absoluta dos homens já trabalhou e estava procurando trabalho, mas entre as mulheres o percentual das que se encontram nessa situação é bem menor e, por sua vez, pouco superior ao de mulheres que já trabalharam, mas não estavam procurando trabalho. Os percentuais de mulheres que nunca trabalharam e não estavam procurando trabalho remunerado são também superiores aos dos homens.

No geral, os dados evidenciam uma heterogeneidade entre os jovens identificados como “nem-nem” e tais diferenças devem ser consideradas na formulação de políticas públicas, sobretudo porque nossos dados corroboram as tendências que apontam para uma forte associação do gênero feminino e posse de filhos, com a condição juvenil de “nem-nem”.

As mulheres provavelmente têm elevada dedicação à vida conjugal, aos trabalhos domésticos e à maternidade, atividades não remuneradas, mas, que são, sobretudo, parte de atividades produtivas de bens e serviços, essenciais para a sustentação da vida social. Nesse sentido, um estudo realizado no Uruguai (Mides/MTSS, 2011) propõe, para efeito de análise, subdividir os jovens “nem-nem” em subcategorias que possam capturar outras dimensões importantes da vida social, como, por exemplo, se executam ou não tarefas domésticas. O estudo ainda destaca que a categoria tradicional “ni-ni” tem apresentado dificuldades para se entender a situação e condição dos jovens nessa região. Por isso, ampliar sua capacidade de entendimento pode ser um passo importante para subsidiar o debate sobre políticas de educação e trabalho para os jovens do nosso país.

BIBLIOGRAFIA

- Abramo, L. 2006 “Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro” em *Ciência e Cultura* N° 4, v. 58 (São Paulo) pp. 40-41, out./dez.
- Brasil. Secretaria Nacional De Juventude 2014 *Agenda Juventude Brasil: pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013* (Brasília: SNJ).
- Trucco, D. y Ullmann, H. (eds.) 2015 *Juventud: realidades y retos para un desarrollo con igualdad* (Santiago de Chile: CEPAL).
- Feijoó, M. d C. 2015 “Los ni-ni: una visión mitológica de los jóvenes latinoamericanos” em *Tendencias en Foco*, N°30 - Marzo (RedEtis-IIPE-UNESCO).
- IBGE 2016 “Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira” em *Estudos e pesquisas: Informação demográfica e socioeconômica* N° 36. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=295011>
- Filardo, V.; Cabrera, M. y Aguilar, S. 2010 “Encuesta Nacional de Adolescencia y Juventud: Segundo Informe”. (INJU, INFAMILIA).
- Goffman, E. 1988 (1891) *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Disponível em: <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/20170214-114707-001.pdf>
- Henriques, R. 2002 *Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas na educação* (Brasília: UNESCO).
- IPEA 2011 *Retrato das desigualdades de gênero e raça* (Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).
- Jacinto, C. 2016 “Debates latino-americanos sobre los NINI” (mimeo).
- MIDES, MTSS 2011 *¿NINI? Aportes para una nueva mirada* (Montevideo: MIDES/MTSS).
- Monteiro, J. 2013 *Quem são os jovens nem-nem? Uma análise sobre os jovens que não estudam e não participam do mercado de trabalho*. (Brasília: Fundação Getúlio Vargas/ IBRE). Textos para discussão: Texto de discussão n° 34.
- OCDE/CEPAL/CAF 2016 *Perspectivas económicas de América Latina 2017: Juventud, competencias y emprendimiento* (Paris: OECD Publishing). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1787/leo-2017-es>
- OECD (2017), Youth not in employment, education or training (NEET) (indicator). doi: 10.1787/72d1033a-en (Acesso em 18 de

- Junho de 2017). Disponível em: <https://data.oecd.org/youthinac/youth-not-in-employment-education-or-training-neet.htm>
- País, J. M. (2001): Ganchos, tachos e biscates. Jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar.
- Pinheiro D., Ribeiro E., Venturi G., Novaes R. (2016). Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças. Rio de Janeiro: UNIRIO.
- Prieto Negrete, Parra R. y Leyva, G. (2013): Los Ninis En México: Una Aproximación crítica a su medición, *Revista internacional de estadística y geografía*. Instituto Nacional de Estadística y Geografía, Vol 4.
- Tabin, J. P. (2014): A Critique Of The Use Of The 'Neet' Category. XVIII Isa World Congress Of Sociology. Oral Presentation, Session Youth Unemployment/Underemployment And Precarity.

